

Escola Superior de Educação de Castelo Branco
1989

Conto

O DIA EM QUE O MAR DESAPARECEU

Alda Cristina Antunes Serras, n.º 46/88, 2.º B

Era o primeiro dia de férias.

Acordei cedo, cheguei-me à janela e não vi o mar. À minha frente, até perder de vista, havia apenas areia.

Corri até à praia. Era a primeira a chegar. No fim do areal havia apenas um gigantesco buraco.

Desci ao fundo do mar. As rochas ainda húmidas brilhavam ao sol. A água tinha desaparecido sem deixar rasto. Procurei um ralo por onde a água se tivesse escoado, não encontrei nada. Apenas um peixe antipático que nadava de cá para lá numa poça de água.

- Que fazes aqui? – perguntou-me.

- Ando à procura do mar. O que lhe aconteceu?

- Não leste o edital?

- O edital?

- Não leste o edital que o mar publicou?

- Não. O que diz nesse edital? – perguntei curiosa. Mas o peixe recomeçara a nadar às voltas e já não me respondeu.

Continuei a andar. Uma tabuleta indicava: “Foz a dez passos”. Dirigi-me para lá. Um rio que tinha acabado de chegar à Foz andava por ali às voltas, olhando com ar preocupado o relógio e consultando de vez em quando a bússola.

- A menina viu o mar?

- O senhor Rio viu o edital?

- Tinha um encontro marcado com ele neste local, todos os segundos. Há 1450 segundos que ele não aparece. – Olhou de novo a bússola e continuou – Já o meu pai, o meu avô e o pai do meu avô se encontravam neste local com o mar e acho que é a primeira vez que ele falta ao encontro.

E um peixinho que nadava rio abaixo, rio acima confirmou:

- Todos os segundos se encontravam neste local.

Um caranguejo empoleirado numa rocha informou:

- O mar tirou férias.

O rio indignado disse logo que era falta de educação convidá-lo e faltar ao encontro, ir de férias e não avisar ninguém.

- Mas ele publicou um edital – retorquiu o caranguejo – o mar não tem culpa se vocês não o leram!

- O mar não pode tirar férias com edital ou sem edital! – disse eu – As pessoas tiram férias para vir ver o mar e ele não pode simplesmente tirar férias para não ver as pessoas.

- O mar estava cansado das pessoas que passavam o Verão inteiro a refrescar-se com as suas águas, a sujar as suas praias. O mar estava farto dos barcos pesados que lhe punham em cima. Todo esse trabalho estava-lhe a fazer mal à pele.

- E para onde foi o mar?

Isso o caranguejo já não sabia. Mas uma estrela-do-mar que tinha ouvido toda a conversa disse que ele talvez tivesse ido para o Norte visitar os seus primos.

O rio desanimado sentou-se numa rocha com a cabeça entre as mãos, lamentando a sua vida.

- E o que aconteceu aos peixes? – perguntei à estrela-do-mar.

- Os que aguentavam nadar grandes distâncias foram com ele. Só ficaram os mais velhos e cansados.

Sentei-me ao lado do rio, pensando se esse Norte seria muito longe.

- O mar não disse quando voltava? – perguntou o rio esperançoso.

- Se ele gostar de lá estar talvez nem volte – respondeu a estrela-do-mar.

- Se nós lhe fizéssemos sentir a falta que ele nos faz, talvez voltasse.

- Sim, mas o que poderíamos fazer? O Norte é muito longe, mesmo com a tua bússola demoraríamos muito tempo a lá chegar. – disse o caranguejo.

- Podíamos escrever uma carta! – lembrei eu.

Metemos mãos à obra. Escrevemos a carta numa alga seca com tinta de chocos. Dizia assim:

“Senhor Mar,

Estamos cheios de saudades suas. Os rios não podem desaguar. As pessoas não se podem banhar. Os barcos não têm onde navegar. Os pescadores não têm o que pescar. A praia inteira está triste sem o senhor.

Por favor, volte depressa.”

E assinámos todos. Até o peixinho antipático pôs lá a sua barbatana.

Não sei se o mar recebeu a carta nem o que respondeu. Só sei que, na manhã seguinte, quando acordei, corri à janela e o mar estava lá azul e brilhante convidando-me a um mergulho.